

Capturado pelos soldados japoneses,
aos sete anos, este menino chinês
encontrou a felicidade na terra do «inimigo»

Memórias de um prisioneiro de guerra

TOSHIAKI HIKARI

NÃO TENHO certeza, mas acho que nasci por volta de outubro de 1935, na província de Shansi. Como a imagem de um mercado fervilhante ainda está vívida em minha memória, devia ser uma cidade grande. Lembro-me de um pequeno rio que corria em frente de nossa casa, e que havia duas nogueiras, uma de cada lado do portão.

Lembro-me de que, certa manhã, meu pai voltou para casa com um pedaço de pão. Estávamos em guerra, e um pedaço de pão era muito precioso para nós. «Coma-o todo», disse minha mãe. «Foi muito difícil para seu pai comprá-lo para você.» Quando tento recordar, esta foi a última expressão de amor de meu pai para mim. Ele foi convocado — e desapareceu. A luta, finalmente, chegara à cidade vizinha à nossa.

Minha mãe era uma mulher corajosa, mas, sem alguém para sustentar a casa, vivíamos em extrema pobreza. Minha irmãzinha foi dada para adoção, e mamãe se casou com outro homem. Contudo, em menos de um ano, teve de fugir, porque ele e outros membros da família nos tratavam mal. Levou-me com ela. Então, vagando de um lugar para outro, vivemos quase como mendigos; mas, apesar de sermos paupérrimos, mamãe sempre insistia em que, de qualquer maneira, ela iria fazer o possível para que eu recebesse alguma instrução.

Em junho de 1942, minha mãe se casou de novo, numa cidade de que me lembro vagamente, chamada Shangtsang, na província de Shansi. Meu novo padrasto era um fazendeiro que considerava a instrução inútil. Nessa época, minha mãe e

eu conhecemos um tenente do exército chinês, chamado Kuo, que servia numa unidade aquartelada perto da nossa cidade. Quando o tenente começou a gostar de mim, minha mãe decidiu confiar-me a ele. Seu único objetivo na vida era mandar-me para a escola.

No dia de minha mudança para a cidade vizinha, com o Tenente Kuo, minha mãe me vestiu com as melhores roupas. «Quero que estude muito», repetia ela, e chorou amargamente quando me abraçou. Nenhum de nós sonhava que aquilo seria o último adeus. A figura de minha mãe, em pé, na margem do rio, acenando com a mão, ainda vive em minha memória.

Fui para a escola da unidade onde o Tenente Kuo fazia serviço. Lembro-me de que fiquei muito contente quando fui escolhido chefe da classe. Contudo, devido ao rápido avanço do exército japonês, tínhamos de nos deslocar continuamente. Em seis meses, mudei de escola quatro vezes. Com as forças japonesas cada vez mais perto, ordenaram à unidade do tenente que recuasse para Loyang. Temi que nunca mais fosse ver minha mãe, e falei em voltar para Shangtsang, mas o Tenente Kuo me tranqüilizou. «Loyang é minha cidade natal», disse. «Quando chegarmos lá, vou encaminhá-lo à universidade.» Sabendo que esse era o sonho de minha mãe, concordei em ir.

Anexando-nos a outras unidades, já éramos quase mil pessoas quando partimos para Loyang. Durante quatro semanas, andamos, dia após dia,

quase sempre sob chuvas torrenciais. Nossos pés ficaram feridos e dormentes e, sob a chuva pesada, mal víamos alguns metros à nossa frente. Quando chegamos perto do rio Hwang Ho, o terreno estava tão lamacento que o simples ato de levantar os pés do chão era exaustivo.

Quase tínhamos chegado ao rio, quando, de repente, descobrimos que éramos alvo de uma emboscada do exército japonês. Balas de metralhadoras sibilavam em meus ouvidos, enquanto bombas explodiam ao meu redor, com um barulho ensurdecedor. Um após outro, os soldados, cujas armas tinham enferrujado sob a chuva ininterrupta, eram abatidos. Não me lembro de quantas vezes tropecei em mortos. O rio estava vermelho de sangue, e suas margens cobertas de cadáveres violentamente mutilados — sem cabeças, sem braços, sem pernas.

Quando o ataque finalmente cessou, o exército japonês tinha capturado 500 soldados chineses. O Tenente Kuo e eu estávamos entre eles. Era um verdadeiro milagre que tivéssemos sobrevivido.

Nossos captores japoneses (membros da 7.^a Companhia, Unidade 227, da 37.^a Divisão, com seu quartel-general em Wangyemiao, prefeitura de Tsiyuan, província de Honan) prenderam-nos numa caverna. «Capturamos até uma criança», gabava-se um deles. Mas, quando notou que eu estava seriamente ferido nas pernas, tratou-me com muito carinho. Também me deu uma grande tigela de arroz, algo que havia muito tempo eu não comia. Não podia acreditar

em que aqueles eram os chamados «tungyangkui» (demônios orientais).

Percebendo que não tinha nada a temer, meu terror inicial dos japoneses se dissolveu, e comecei a aceitar minha vida entre eles. Os soldados me tratavam com gentileza. Um deles, o Sargento Kurauchi, era especialmente bom para mim; ensinou-me um pouco de japonês, e, gradualmente, fui me integrando na rotina de vida do exército japonês.

A curiosidade não era unilateral, e, freqüentemente, me via rodeado por soldados que me faziam todo tipo de perguntas. Quando me perguntaram quantos anos eu tinha, mostrei meus dedos de ambas as mãos, e dobrei três deles: «Sete? Ele tem mais ou menos a idade do meu filho», murmurou um dos soldados. Quando escrevi meu nome em caracteres chineses, e lhes perguntei como se pronunciava em japonês, responderam-me: *Toshiaki*. Depois disso, começaram a chamar-me «Toshiaki», ou por diminutivos como «Toshibo» ou «Toshichan».

A lembrança do Tenente Kuo estava sempre em minha mente, mas só me deixaram vê-lo uma vez. Levei quatro meses para descobrir que ele tinha sido mandado para Pequim. «Toshibo, não tive coragem de lhe contar», disse o Sargento Kurauchi, que falava chinês. «O Tenente Kuo confiou-o a nossos cuidados, porque sabia que já não podia fazer nada por você.» Ao ouvir estas palavras, senti-me, de repente, paralisado. O que iria fazer? Não só ignorava onde estava minha mãe, como não tinha

um lar para onde voltar. Que mais poderia fazer, senão ficar com o exército japonês?

Em março de 1944, a 37.^a Divisão recebeu ordens de deixar Wangyemiao, e de se deslocar mais para o sul. A frente de batalha continuava a se alargar. Fomos de Yuncheng para Nanquim, daqui para Hankow, e, finalmente, em julho, para Wuchang.

Alguns soldados, que tinham sido tão gentis comigo, agora estavam mortos. A cada vez que sabia da morte de algum conhecido, eu chorava. Não me importava se eram chineses ou japoneses; eu simplesmente não queria que ninguém morresse. Rezei para que a luta terminasse logo, e que tivéssemos outra vez uma vida de paz e felicidade.

De uma maneira ou outra, os soldados encontravam tempo para fazer turnos, e me ensinar a ler e cuidar de mim. «Toshibo, por que não canta uma cantiga de criança para mim?», pedia um deles. Então, quando eu cantava, eles me olhavam com olhos tristes. «Desta vez é impossível levá-lo conosco», disse o Sargento Kurauchi, e me entregou aos cuidados do corpo de transporte, que ficava à retaguarda da 37.^a Divisão. «Toshibo, tenha cuidado, logo nos veremos», diziam os soldados, acenando. Eu não agüentava, e chorava.

Foi no corpo de transporte que conheci o Capitão Masataka Kachi, um cirurgião do exército. Era o homem que eu passaria a chamar de «pai», e com quem fiquei até crescer.

Num comboio de dez caminhões, o corpo de transporte se dirigiu para o sul, tentando alcançar o grosso de nossa divisão. Todos os dias era uma luta contra a morte, e o combate não era a única ameaça. Eu sofria de disenteria, e quase morri de apendicite. Mas, graças aos soldados japoneses que cuidaram de mim sobrevivi.

Seguindo o principal corpo de nossa divisão, passei para a Indochina francesa. Não tive problemas de consciência em deixar meu país natal. Como podia? Retroceder significava passar dias vagando, ou, quem sabe, até a morte. Sofresse o que sofresse, decidi ficar com o capitão Kachi.

Eu tinha quase 10 anos, a 15 de agosto de 1945, o dia em que os japoneses se renderam. Em junho do ano seguinte, o navio de repatriação, que transportava os sobreviventes da 37.^a Divisão, ancorou na baía de Uraga, na região ocidental do Japão. Eu estava entre eles, tendo recebido uma permissão relutante, do exército britânico na Indochina, para entrar no Japão como «civil militarizado».

«Então, isto é que é o Japão?», murmurei. Fiquei muito chocado. Praticamente, todos os edifícios de Uraga estavam em ruínas, e os soldados

olhavam desencorajados para o estado deplorável de seu país. «Toshibo, tome cuidado», diziam, à medida que cada um tomava seu rumo com o coração partido, «e seja obediente às palavras do Capitão Kachi.»

Passaram-se 26 anos desde aquele dia, em 1946, em que comecei minha vida como membro da família Kachi. O Capitão Kachi me pediu que adotasse Hikari como sobrenome, em homenagem à 37.^a Divisão, que também era conhecida como Hikari (Divisão da Luz). Mesmo depois que voltaram para suas casas, os antigos oficiais não me esqueceram, e me escreviam freqüentemente encorajando-me. Quando passei no exame de admissão para a Escola de Comércio da Universidade de Kuamoto, em 1955, todos ficaram radiantes com a notícia.

Agora, pedi a cidadania japonesa, e crio minha família. Tenho um bom emprego, numa companhia de Kobe. Sinto, com todo o meu coração, como é precioso cada dia da minha vida. Quem poderia me imaginar onde estou agora? Talvez somente minha mãe pudesse ter visualizado algo assim. Só espero que chegue o dia em que poderei partilhar minha felicidade com ela.



MULHER para marido: «Sabe aquele pára-choques novo, que agüenta um choque a 80 quilômetros por hora? Bem, a porta da garagem não agüenta.»

— Dunagin

POLÍTICO discursando para a multidão: «E àqueles que dizem que o custo de vida está subindo em espiral, eu pergunto se isso não é melhor do que subir na vertical.»

— Lichty, Publishers-Hall Syndicate